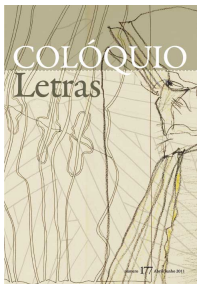

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Brevíssimo Inventário', de Marcello Duarte Mathias]

João Bigotte Chorão

Para citar este documento / To cite this document:

João Bigotte Chorão, "[Recensão crítica a 'Brevíssimo Inventário', de Marcello Duarte Mathias]", *Colóquio/Letras*, n.º 177, Maio 2011, p. 253-255.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

faz notar desde o início que, se é «a publicação, em 1800, do prefácio de Wordsworth na reedição das *Lyrical Ballads*, onde se coleccionam poemas da sua autoria e de Coleridge, que tem servido para demarcar o início do Romantismo inglês», já ao longo do século XVIII «se desenhava uma mutação de sensibilidade expressa em alguns poetas, os pré-românticos, entre os quais se salienta William Blake, por ser aquele que melhor consubstanciou promissoramente essa viragem» (p. 7).

Um aspecto fundamental do estudo de Fernando Guimarães é o da subtil distinção entre a primeira e a segunda gerações do romantismo inglês: enquanto a primeira geração, sobretudo com William Wordsworth, «estava mais preocupada em contemplar com olhos apenas deslumbrados, e não perscrutadores ou atentos, esse céu ou a terra que o sustentava, e procurar neles comovidamente a harmonia, os pressentimentos, as recordações» (*ibid.*), na segunda geração, sobretudo com Keats, a visão do mundo e da própria natureza torna-se muito mais complexa e interiorizada.

Diz Fernando Guimarães, reflectindo com extrema justeza sobre a figura e a identidade do próprio poeta em Keats e transpondo essa reflexão específica para um campo teórico mais vasto: «Porque será o poeta, segundo as palavras de Keats, o que há de menos poético em tudo o que existe? Porque a sua presença prolongar-se-á na direcção das coisas para, aí, finalmente descobrir que o regresso de cada poema não pode também ser o daquele que o cria. Como que há na poesia um movimento vertical que, progressivamente, se afasta em direcção aos seres que descreve, até estes adquirirem um peso de restituição ou alcançarem a sua própria força de enraizamento no poema» (p. 8).

Assim, Keats é o poeta romântico inglês que Fernando Guimarães nitidamente destaca, distinguindo-o dos outros dois e, sobretudo, de Byron, pois, como dizia o próprio Keats, havia entre ambos «esta grande diferença: ele descreve o que vê, eu descrevo o que imagino». Todavia, como muito acertadamente nota Fernando Guimarães, «a imaginação em Keats nunca se compromete num ardor excessivo. [...] É aqui que se pode encontrar, talvez, uma ruptura entre a poesia de Keats e a de Shelley ou Byron, sendo este último poeta aquele que mais se ressentiu duma fantasia que se confunde em tantas obras suas com o próprio excesso do seu lirismo, o incontido transporte da melancolia, a inconstância erótica, o sentido por vezes sarcástico de uma contínua revolta» (p. 13).

A tradução dos poemas, publicados em útil edição bilingue, revela um tradutor que, sendo profundo conhecedor da língua inglesa e dos autores traduzidos, é, além disso, paralelamente, um grande poeta, um inesgotável criador de linguagem, sempre em busca de imagens e de ideias exactas mas deslumbrantemente transpostas e re-criadas noutra língua.

Álvaro Manuel Machado

AFORISMOS

Marcello Duarte Mathias
BREVÍSSIMO INVENTÁRIO
Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2010

Há lugares-comuns que um dia são desmentidos. Um deles era o de que não fomos vocacionados para o romance, mas no século passado e já neste assistimos a uma surpreendente proliferação de laureados romancistas. Outro lugar-comum proclamava que a literatura autobiográfica, sobretudo a diarística, não tinha entre nós grandes nomes, com a honrosa excepção de Torga. Mas uma inesperada profusão

de diários, a suscitarem colóquios e números monográficos de revistas, mostram que também neste campo alguma coisa mudou.

Para esta valoração do diarismo português não pouco tem contribuído Marcello Duarte Mathias. Ao seu Diário já publicado com vários títulos, veio juntar-se um estudo — *A Memória dos Outros* — do maior interesse para quem queira conhecer melhor essa literatura que inclui os diários.

Na mesma linha autobiográfica, acaba o nosso autor de publicar um livro compósito, dividido em três partes: uma de aforismos (todo o diarista os cunha, com maior ou menor felicidade), outra de viagens às raízes, uma terceira que se diria de *pro memoria* ou até de anamnese.

Uma das epígrafes do *Brevíssimo Inventário* é de Cioran, mestre indiscutível do aforismo, que, no seu jeito provocatório, justificou como fruto da preguiça. Se a alegada preguiça é a mãe dos aforismos de Cioran, eles devem-se ainda — ou sobretudo? —, como também confessa, à insónia. Noutro mestre do aforismo, esse pouco conhecido, *et pour cause*, Thibon, tudo é iluminação; em Cioran tudo é negação: daí o radical [*Do*] *Inconveniente de Ter Nascido*, há pouco exemplarmente traduzido por Manuel de Freitas. Entre os dois universos move-se Marcello Duarte Mathias, que muito viu e viveu, e por isso não tem grandes ilusões para temperar o seu cepticismo.

A primeira parte do *Inventário*, certamente a mais estimulante, reclamaria um título que não o quase displicente *trouxe-mouxe*. Merecem especial atenção por muito pertinentes e até impertinentes, e por incidirem sobre a condição portuguesa, captada nas suas virtudes e defeitos, comentários como estes: «O destino português: ser-se emigrante ou retornado. Ser-se pobre, afinal.» Ou: «A diagonal é a linha recta dos Portugueses.» Quando sai de Portugal, este certeiro diagnóstico da Europa de hoje: «A Europa das catedrais não é uma imagem falsa. Apenas uma herança que se perdeu.» No seu cepticismo europeísta, o autor vê a Europa como um «comboio que descarrilou algures». A sua geração parece-lhe aquela que «assistiu ao desaparecimento da Europa da cena internacional». Não menos polémica a caracterização do pacifismo como «a nostalgia civilizada da servidão». Civilizado o pacifismo quando não é selvagem ou predador.

Os fanáticos e os demagogos suscitam-lhe comentários mordazes. E não menos esse abstracto humanitarismo que ignora, se não despreza, o homem concreto. Assim afirmativos, estes e outros aforismos não pactuam com a «adversativa» e não utilizam «o ponto de interrogação». Interessante, por sua eminente subjectividade, a breve lista das palavras predilectas de Marcello Duarte Mathias (p. 49), que inevitavelmente nos convida ao cotejo com as que escolheram escritores tão diferentes como Pascoaes e Larbaud.

A segunda parte do livro — «Lembrar de Raízes e outras coisas mais» —, sem perder o carácter aforístico (quem reivindica a liberdade não se chama contestador, mas dissidente; os futurólogos são os profetas dos nossos dias; há uns profissionais que «estão na política», mas «não fazem política»), é uma como viagem sentimental e um cortejo caudaloso de evocações, que lembra a anamnese.

A terceira e última parte do livro — «O Destino Velado» — fala obsessivamente da morte, nosso fatal destino, e do suicídio, que para uns (Montherlant) é um acto de coerência e para outros (Stephan Zweig) um gesto individual com repercussões colectivas — antecipada desistência ante o temor do apocalipse inevitável.

Os méritos do *Brevíssimo Inventário* não distraem os leitores do autor de diá-

rios. Ele anuncia o que baptiza de «Diário de Abuxarda», esse *locus amœnus* entre o Estoril e Cascais, onde o *homo viator* Marcello Duarte Mathias, enfim, lançou ferro.

João Bigotte Chorão

ENSAIO

Teresa Pinto Coelho
LONDRES EM PARIS
EÇA DE QUEIRÓS E A IMPRENSA INGLESA
Lisboa, Colibri / 2011

Pomo-nos às vezes a pensar de que forma é possível que autores sobejamente estudados, como é felizmente o caso de Eça de Queirós, nos possam ainda surpreender. A resposta é também ela surpreendentemente fácil: a funda curiosidade intelectual nunca cessa de nos surpreender. E o carácter inesperado do que ela nos dá a ver sobre quem a possui permite-nos não apenas *acrescentar* o que sabíamos, mas mesmo *alterar* o que sabíamos.

No convite para o lançamento do livro de Teresa Pinto Coelho, realizado no Grémio Literário a 31 de Janeiro de 2011, fazia-se referência a um «Eça diferente», um «Eça anglófilo», que nos permitiria rever a imagem talvez demasiado «francizada» do escritor. Esta outra imagem, complementar daquela, não me importa para eventualmente decidir sobre que paradigma competitivo eleger como o modelo queirosiano, se o francês se o inglês. É sempre um pouco caricato assistir, com o grão de sal que o pensamento crítico nos exige, a essas competições nacionalizantes, como por exemplo vai ocorrendo também no caso pessoano. Eça de Queirós, como Fernando Pessoa, foi autor voraz em leituras, conhecimento e curiosidade. E o que importa nele compreender é como essa voracidade inclusiva não a devemos nós nem desconhecer nem amputar.

Este livro de Teresa Pinto Coelho é um contributo decisivo para esse melhor conhecimento. Em primeiro lugar, porque descreve a intensa irradiação que a cultura inglesa continuou a exercer sobre Eça mesmo durante o seu consulado em Paris, e por isso sobre a forma como, no final do século XIX, as fronteiras culturais não são coincidentes nem com as políticas, nem mesmo com as linguísticas. «Londres em Paris» é pois uma feliz expressão — e, se quiséssemos ser ainda mais precisos, poderíamos mesmo dizer «Londres em Paris *em Lisboa*», porque naturalmente a multifacetada personalidade de Eça faz convergir para a «sua» Lisboa, que ele quer cosmopolita e audaz, o ideário tanto londrino como parisiense. Em segundo lugar, importa ainda reconhecer o contributo deste volume por ele se debruçar de forma decidida sobre essa particular forma de modernidade que é a imprensa, e de modo muito especial a imprensa tal como Eça a concebe e pratica: política, cultural e intelectualmente arguta e crítica, capaz em todo o momento de realizar esse peculiar cruzamento com o pensamento artístico que os grandes nomes fazem parecer tão fácil.

Nesta obra de Teresa Pinto Coelho, a imprensa em geral e a imprensa inglesa em particular são vistas como um motor de modernidade, o lugar por excelência onde o seu carácter fluido e móvel melhor encontra a expressão para a sua curiosidade.

São fundamentalmente três os projectos queirosianos aqui seguidos e analisados: a *Revista de Portugal*, publicada entre Julho de 1889 e Maio de 1892; o *Suplemento Literário da Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, dirigido por Eça entre Janeiro e Junho de 1892; finalmente, o projecto, nunca levado à prática, da revista concebida em parceria com Alberto d'Oliveira